



TRAÇOS SONOROS NA ESCRITA: CONSIDERAÇÕES LINGUÍSTICAS E DISCURSIVAS

Data de recebimento: 13/09/2016

Aceite: 08/11/2016

Fátima Grazielle de SOUZA (UNEMAT) ¹
Weverton Ortiz FERNANDES (UNEMAT) ²

Resumo: A proposta do presente estudo promove uma reflexão sobre a relação grafema/fonema a partir das vertentes variacionistas e discursivas. Objetivamos promover um espaço de problematizações acerca das questões gráficas trabalhadas em processos de alfabetização e letramento.

Palavras-chaves: Grafema. Fonema. Linguística. Análise de Discurso.

Abstract: The proposal of the present study promotes a reflection on the relation grapheme / phoneme from the variance and discursive considerations. We aim to promote a space of problematizations about the graphic issues worked on in literacy and literacy processes.

Kew-words: Grapheme. Phoneme. Linguistics. Discourse Analysis.

1. Introdução

Cotejamos refletir nesse trabalho os trajetos da linguística e as problemáticas que surgem em torno dos fatos da língua, iniciada em Saussure e que culmina, na atualidade, com a disciplina da Análise de Discurso. Nesse trajeto, propomos compreender como a língua é deslocada em sua ordem significativa: de sistema fechado ao sistema aberto, em textos, cuja problemática giram em torno de aspectos gráficos da escrita.

Ferdinand de Saussure (2006) em *Curso de Linguística Geral* propõe uma nova dinamicidade aos estudos da língua ao considerá-la como objeto científico. Deter-nos-emos nesse momento a três fatos cruciais dos estudos saussurianos. O primeiro concerne a questão de que a língua, enquanto sistema, rompe com um pensamento que considera os estudos do signo de modo isolado. Ou seja, o valor do signo se estabelece na relação de negação com outro signo, no qual constitui um sistema linguístico.

O segundo aspecto incide com as nossas considerações, que é o fato de considerar a língua como entidade homogênea. Essa questão de homogeneidade desconsidera a história e o falante (indivíduo) do sistema da língua. Dessas considerações resulta um terceiro fator que perdura até a atualidade: a de que os dizeres estão tomados pela ordem da língua

¹ Mestranda em Linguística - Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres/MT. grazi251@hotmail.com

² Mestre em Linguística - Universidade do Estado de Mato Grosso. Pontes e Lacerda/MT. wevertonortiz@yahoo.com.br.



As considerações sobre os estudos linguísticos em Saussure não coincidem com as considerações da gramática prescritiva/normativa. Pelo estruturalismo saussuriano, não existe o falar errado, defeituoso: o que existe são as línguas postas em funcionamento independente das convenções normativas de prescrição.

Posterior ao autor genebrino, Émile Benveniste (2006) inclui no sistema linguístico alguns excluídos em Saussure: o contexto e o indivíduo. Conforme Benveniste, a subjetividade do indivíduo emerge na linguagem, pois o locutor ao dizer algo, se diz, se subjetiva, dada a situação (contexto) e dos instrumentos linguísticos: os dêiticos, os pronomes, os verbos, etc.

A partir desses posicionamentos teóricos e tomando como premissa a dinamicidade que caracteriza a língua, que se encontra sujeita a modificações em todos os níveis, tais como fonético, fonológico, morfológico, sintático ou semântico, procuramos tecer algumas reflexões acerca da escrita de pessoas em fase inicial de alfabetização, respaldados por algumas áreas da linguística, como as que consideramos abaixo.

2. Por um viés variacionista...

Nas palavras do professor José Luiz Fiorin (2004, p.26) “o alfabeto ortográfico já é uma abstração, ninguém escreve como fala” ou seja, não temos uma correspondência exata entre o número de grafemas e o de fonemas numa língua, discrepância essa decorrente principalmente de fatores intra ou extralinguísticos.

É pertinente dizer que os grafemas são produtos de uma representação das sequências fônicas (fonemas) de uma determinada língua, ou seja, é aquilo que se convencionou enquanto sistema ortográfico da língua.

A partir disso, podemos inferir que o sistema ortográfico tende a se afastar do sistema fonético/fonológico, pois é possível notar variações desse nível em todas as comunidades linguísticas do mundo, devido as influências regionais, sociais, econômicas que interferem diretamente na pronúncia das palavras, como exemplo, podemos citar o caso do substantivo ‘porta’, que tem uma escrita única, porém, na fala pode apresentar variações fonéticas como [ˈpɔrta] [ˈpɔxta] [ˈpɔrta] [ˈpɔhta] [ˈpɔřta] [pota] evidenciando a arbitrariedade existente entre grafema-som-fonema.



Essas variedades também podem se refletir na escrita, principalmente nas pessoas em fase de alfabetização. Elementos linguísticos como ‘tou’³, ‘apredi’ e ‘muintas’ denotam uma construção de escrita advinda de questões sonoras anteriores ao sujeito, antes mesmo de iniciar o seu percurso de alfabetização e letramento na escola.

Além dessas variantes, atentamos para os deslizamentos que há na própria escrita do sujeito, desconsideradas pela gramática normativa, questões entre grafema e fonema: ‘caza’⁴, ‘purfavo’, ‘tabem’.

Pela vertente da fonética e fonologia, sabe-se que quando o indivíduo fala, ele não realiza fonemas (entidade abstrata), mas sim fones (elementos concretos), em contrapartida quando se escreve deve-se representar esses sons por meio de grafemas. Nas considerações de Fernando Moreno da Silva⁵ (2011) no artigo intitulado *Processos Fonológicos Segmentais na Língua Portuguesa*, a menor unidade mínima da fonética são os traços distintivos sonoros e a menor unidade mínima da fonologia é o fonema. Arelado à essas questões, nem sempre o som tem correspondência direta com os elementos gráficos, conforme dito na introdução desse trabalho.

A partir dessas questões, depreendemos que a fonética pode ser encarada de dois modos: pelo viés da gramática normativa e pela linguística estruturalista advinda dos pensamentos de Saussure.

Enquanto que a fonologia estuda “os sons do ponto de vista funcional como elementos que integram um sistema linguístico determinado” (CALLOU e LEITE, 1999, p.11), a fonética “aborda a produção, a transmissão e a percepção dos sons” (SILVA, 2011, p.73). Ou seja, é competência da fonologia estudar os traços distintivos de significação e da fonética os traços sonoros distintivos.

Nessa linha de pensamento ressaltamos as ideias saussurianas, em que a linguagem humana, conforme dito pelo autor (SAUSSURE, 2006, p.17) “é multiforme e heteróclita [...] repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza”, compreendendo a duas partes distintas, a língua e a fala que em articulação singulariza os seres humanos em relação aos demais animais, procede de diferentes modos independente da vontade do falante.

Sabe-se que a linguagem humana se difere dos demais sistemas simbólicos por “ser segmentável em unidades menores, unidades essas em número finito para cada língua e que têm a possibilidade de se recombinarem para expressar ideias diferentes” (CALLOU e

³ Exemplos retirados do recorte 5 da página 7.

⁴ Exemplos retirados do recorte 5 da página 7.

⁵ Artigo publicado na **Revista Littera Online**. Disponível em: <http://bit.ly/revistalittera>.



LEITE, 1999, p 13). Assim, as unidades que constituem o contínuo sonoro se segmentam linearmente na sua ausência ou presença, ou alteração de ordem, no qual ocasionam mudanças nos significados de uma palavra. Exemplificando, temos os casos de ‘pata’ e ‘bata’ que se diferem em nível semântico devido ao fato de que na primeira palavra temos um segmento ‘p’ inexistente na segunda.

A partir desse lugar teórico observamos que a fala (e seus traços sonoros) interfere na escrita, contribuindo para a desmistificação das noções de erro gráfico pautado somente na gramática normativa, pois a língua enquanto fenômeno social admite inúmeras realizações particulares que se integram e refletem a estrutura social de uma determinada comunidade linguística.

Dito isso, apresentamos a seguir dois recortes⁶ em que observamos como a fala pode se manifestar na escrita de pessoas⁷ em fase inicial de alfabetização⁸.

Recorte 1. “Hoje para mim é uma dada comemorativa, e estou muito contente pois **istou** participando do grupo da 3 idade o qual é muito importante **divertimo** muito. Hoje também **ti iscrevendo iste** bilhete meus 2 filho pelo **aniverssario** de você 2 que são 2 gemio do meu coração.”(grifo nosso)

Recorte 2. “eu estive meu grupo hoje e gostei muito das nossas brincadeira e das rizadas e por **eso agadesso** a deus. Obrigado **senor**. (grifo nosso)

Os recortes acima evidenciam como os aspectos sonoros da fala podem influenciar diretamente na grafia do indivíduo em fase de alfabetização, pois a troca dos segmentos vocálicos *e* por *i* nas formas ‘istou, ‘iscrevendo’, iste’, correspondem a um fenômeno muito corriqueiro na fala, ortograficamente considerada incorreta pela gramática normativa, porém conforme os conhecimentos fonéticos, tais vogais constituem-se em ambiente comum e se diferem apenas quanto à altura da língua, sendo classificadas respectivamente, como uma vogal média-alta, anterior, não arredondada, e como vogal alta, anterior não arredondada, ou seja, são falares que correspondem a uma ordem linguística desconsideradas pela gramática normativa.

⁶ As transcrições mantêm a versão original. Os recortes são provindos de uma dinâmica proposta no grupo de terceira idade “Renascença” do município de São José dos IV Marcos-MT, no ano de 2013.

⁷ A faixa etária dos informantes está entre 50 a 60 anos idade.

⁸ No caso, compreende ao estudo formal até aproximadamente 4º ano do ensino básico.



Outro aspecto que chama atenção nos recortes é a duplicação do segmento consonantal *s*, que passou ao dígrafo *ss*, o docente ao se deparar com tal situação pode intervir mostrando ao aluno que o dígrafo normalmente ocorre entre vogais, como em *passse*, e não no caso de *aniverssario*, que é constituído por uma consoante e uma vogal, sendo que nesse caso normalmente utiliza-se *s*.

A relação entre a unidade sonora e gráfica do segmento *s* é fortemente arbitrária, pois não temos uma correspondência exata entre os sons e as palavras, visto que em português [s] pode ser representado ortograficamente pelos segmentos *s*, *ss*, *sc*, *sç*, *x*, *c*, *ç*, como em *ce-do* [ˈse.du], *la-ço* [ˈla.su]), *pás-sa-ro* [ˈpa.sɐ.ro], *des-ça* [ˈde.sɐ], *nascer* [naˈser], e *ex-tin-ção* [es.tĩˈsẽ:õ]. Assim, no recorte a palavra *agadesso*, representa a divergência do sistema linguístico em que um único segmento sonoro pode ser grafado de diversas formas.

Vale notar ainda, que no recorte 2 ocorre um processo fonológico denominado eliminação, pois ocorre a supressão de um segmento da forma básica de um morfema como o caso da consoante *r* em *agadesso*, e em *senor*, omite-se o encontro consonantal *nh*, que marca a nasalização da sílaba.

Passemos nesse momento, a mais dois recortes, afim de observamos mais fenômenos que evidenciam que a transposição das sequências de sons da fala para o código escrito não ocorre de forma automática e estanque.

Recorte 3. “Eu M. O. C mora no assentamento **florentao** tem 50 ano hoje sou uma pessoa muito feliz. **Flequento** um grupo de terceira idade isso me fez muito re vive. O **terpo** que não tive **ná** minha juventude no grupo tem muito **bincadeira** e também **mençajem**.” (grifo nosso)

Recorte 4. “Querido G. te **ademiuro muto** pelo que você e **sucisso** no trabalho. **Siu** pai.” (grifo nosso)

Prosseguindo em nosso processo analítico, trataremos agora de um fenômeno corriqueiro observado na troca dos segmentos *r* por *l*, denominado rotacismo, como em [grɛ.ba] *greba* no lugar de *gleba*, ou [kra.rio] *crareou* no lugar de *clareou*, diferentemente do exemplo negrito no recorte 3 na forma de *flequento*.

Uma possível explicação para esse caso de troca do *r* por *l* ocorre pelo fato de que ambos os sons são foneticamente similares no português, sendo o *l* uma lateral e o *r* um tepe, e constituem-se em modo de articulação semelhantes, pois o articulador ativo (lâmina da



língua ou ápice) no momento da fala toca o articulador passivo (alvéolos) ocorrendo uma obstrução da passagem do ar, e ainda, quanto ao lugar de articulação e ao vozeamento pertencem à mesma classificação, sendo respectivamente alveolares, vozeadas.

Outra explicação plausível são as considerações de Saussure (2006) em que o autor genebrino considera tais trocas como evoluções linguísticas pelo viés diacrônico e enquanto regularidades no interior da própria língua pelo viés sincrônico. Ou seja, o rotacismo corresponde as regularidades desse sistema linguístico, arbitrário, exterior aos desejos do falante.

Quanto às práticas pedagógicas, de acordo com as palavras de Faraco a melhor estratégia é aquela que “trabalha com a memorização da forma gráfica da palavra” (FARACO, p.21, 2003), visto que foneticamente são semelhantes.

Tratando nesse momento agora de outro fenômeno corriqueiro que produz natural dificuldade para os alfabetizandos, que se trata da troca dos segmentos *g* por *j* como observado no nosso recorte 3 em *mençajem*, nota-se que a unidade sonora tem mais de uma representação gráfica, gerando controvérsias, pois as letras *g* ou *j*, quando seguidas de vogais anteriores nasais, como no caso *em*, tende a estabelecer uma relação arbitrária, pois sonoramente é produzido o mesmo som tanto quanto se é precedido por *j* ou *g*, porém a forma de grafar tida como corretamente é com a letra *g*. Destacamos que aspectos históricos, diacrônicos, são os responsáveis por essas distinções da grafia entre *g* e *j*.

Conforme dito anteriormente, nesses últimos recortes também ocorreu o processo fonológico da eliminação de alguns segmentos como em *mutto* onde ocorre a supressão da vogal *i* (síncope) provocando uma redução do ditongo para um monotongo, a monotongação, como nos casos dos segmentos *vou* [‘vo], ou, *outra* [‘otra], bem como a perda da consoante *r* em *bincadera*.

A partir dessas reflexões, nota-se que os sons não são realizados sempre de uma mesma maneira, pois dependem do contexto em que ocorrem, sofrendo nesse percurso modificações por substituição, omissão, apagamento ou acréscimo de elementos, fatos estes que incidem na estrutura das sílabas.

Salientamos que todas as variações descritas acima apresentam caráter regular e sistemático, pois compreendemos que sistema linguístico tem por função regular a heterogeneidade, visto que, mesmo diante a tantas realizações fonéticas o significado básico permanece o mesmo.



3. Por um viés discursivo...

Um olhar discursivo para essas questões ganham outros contornos: a de pensar a escrita enquanto uma materialização de sentidos. Proposto por Pêcheux na França na década de 1960, e conforme salientado em Orlandi (2012), a Análise de Discurso é uma disciplina que não se marca nem pelo linguístico, nem pelo marxismo e nem pelo inconsciente. Constitui-se no entremeio dessas teorias. Toma como objeto de estudo, o discurso, e este é compreendido como efeitos de sentidos entre locutores.

A questão do efeito joga com a questão de memória: a memória é trabalhada na própria materialidade do texto e da língua, conforme Orlandi (2012), e são saberes que retornam sob a forma do pré-construído, aquilo que foi dito antes, em outro lugar, independentemente. E, nesse sentido, refletiremos esse trabalho conforme as considerações teóricas acima.

Baseado nas discussões de Orlandi (2012), Gallo (1992) e Payer (2005 e 2006) a noção de língua passa a ser compreendida como estruturada pela memória. Observemos no recorte⁹ abaixo como o dizer da criança é um dizer que se estrutura pela materialidade discursiva da língua.

Recorte 5. “Tia malu

Agora ja tou no terceiro ano e ja apredi muntas coisa poço escreve pra sehora to cum muinta saudade eu queria ir paçar as ferias ai na sua caza purfavo repode logo beijos pra senhora e pru tio tabem

Zeze”

Nas palavras de Gallo (1992, p. 59) o estudante ao entrar na escola encontra-se por um lugar discursivo não sendo necessariamente o seu “Quando o estudante entra na Escola, sua produção linguística se inscreve no Discurso da Oralidade”. Discurso da Oralidade, oposto ao Discurso da Escrita, são dizeres não legitimados e instituídos pelo Estado. Ou seja, a formulação discursiva e os seus imaginários de língua passa pela ação do Estado.

Compreendemos, com base nas considerações de Gallo, que a escrita acima, dadas as condições de sua produção, institui uma posição sujeito, a posição sujeito aluno. A questão não é o de relacionar o texto acima com as considerações de Gallo mas, a partir das considerações da autora, compreendermos como e de que modo esse dizer materializa a memória discursiva na estrutura linguística do texto produzida pela criança.

⁹ Recorte retirado da prova do teste seletivo (2011) do município de Pontes e Lacerda-MT.



Ainda conforme Gallo (1992, p. 52) “A língua brasileira é originariamente oral. Sua transcrição passa, necessariamente, pelo ‘saber’ da língua brasileira”. Ou seja, a língua oral é apagada em detrimento de outro saber discurso: o discurso da escrita.

Nas seguintes formulações *já, tou, aprendi, poço, sehora, muinta, paçar, purfavo*, por exemplo, são formulações que guardam, espelham, tencionam entre o Discurso da Oralidade e o Discurso da Escrita, discurso este visto como o discurso legitimado e institucionalizado pelo Estado. O fato da formulação do texto da criança ser posta para a observação no Processo Seletivo funciona, nessas condições, por ser relacionada com o Outro, o discurso legitimado.

O gesto de formulação da escrita guarda uma relação com um imaginário de língua instituída pelo Estado. Ou seja, essas formulações estão tomadas pelo Discurso da Escrita, pois é este o discurso que sustenta esses dizeres “desconsiderados”, “apagados”, mas são dizeres que existem e estão aí produzindo sentidos e posições.

Nesse caso, o que há é uma transcrição do discurso da escrita sobre a língua de tradição oral praticada pela criança. Ao tentar dizer pela língua nacional, a constituição de linguagem e a posição sujeito do aluno muda, desloca-se: fala por um discurso legitimado que não é o seu. Essas reflexões aparecem ausentes nas atividades do Processo Seletivo a respeito do texto produzido pela criança.

De outro modo, a formulação da criança, principalmente nos significantes *tou, aprendi, muinta* materializam em seu texto escrito os traços sonoros de sua fala, fala está numa ordem linguístico-discursiva. Ou seja, a linguagem que se historiciza no aluno vaza, escapa em sua ordem significante para materializar-se na sua escrita. A materialização dos traços sonoros no texto da criança chega e entra sem pedir licença.

Os saberes constitutivos do discurso da escrita funcionam como uma repetição estruturante, paráfrase, de um imaginário a respeito dos fatos de língua. Concomitante a esse imaginário imposto e autoritário, instituído na escrita do aluno, há também o trabalho do interdiscurso enquanto traços sonoros / traços de memória que resistem na formulação da escrita do aluno.

A formulação discursiva da escrita do aluno o estrutura de dois modos: enquanto traços sonoros, a escrita da criança o estrutura de fora para dentro do texto; enquanto saber discursivo da escrita, esta o estrutura de dentro do texto para fora. O aluno, nessas condições, se constitui pela contradição, pelas tensões entre os traços sonoros e o discurso da escrita.

A formulação da escrita da criança, posta em questão a pouco, quer seja ao nível morfológico, quer seja ao nível fonético, existe devido a língua se inscrever a um sistema de



ordem significantes aberta a exterioridade: tanto o sujeito quanto os sentidos se constituem nesse movimento e nessas tensões discursivas. Os traços sonoros, por exemplo, parece tão intimamente ligada à escrita que, a escrita convencional não significa para o sujeito aluno: as convenções, o imaginário de língua a ser usada está interdita, mesmo que parcialmente, para o sujeito.

Logo, o dizer da criança pode ser compreendido de diferentes modos se colocadas em diferentes condições de produção: se entregue pessoalmente ao parente, ou se realizado em uma avaliação por escrito na escola, diferentes efeitos se instituiria nesse dizer. O dizer do sujeito aluno, como exposto acima, é um dizer que se historiciza. Compreendido de outro modo, o texto significa, mesmo que não coincida com a gramática normativa.

De acordo com as considerações de Payer (2005, 2006), as seguintes formulações funcionam como traços de memória na estrutura da língua nacional. Nas palavras da autora, a língua nacional é compreendida como a que deve ser praticada, enunciada e escrita. No recorte acima, a criança, inconscientemente, formula o seu dizer atravessado pela tensão entre a língua de Estado e a língua oral, formulação esta estrutura pela falha, pelas rupturas inerentes à língua (gem).

4. Algumas considerações...

Na presente reflexão procuramos enfatizar de modo sucinto os estudos da língua e as problemáticas em torno da ortografia. Vimos que o estruturalismo saussuriano contribui em grande escala para os pensamentos que norteiam os estudos linguísticos da atualidade. Uma das principais contribuições advindas de Saussure é a de pensar a língua em sua ordem e regularidade significante.

Como observado, os aspectos sonoros e gráficos estão se dizendo, a princípio, de dois modos nos objetos de estudos: a primeira, pelo viés variacionista, problematizamos as questões que giram em torno de grafema e fonema.

O segundo, pelo viés discursivo, compreendemos que a formulação do texto da criança, posta em questão em um Processo Seletivo, materializa a língua na história, materializa em detrimento de significar e se significar para o sujeito aluno. A contradição e a tensão entre o discurso da oralidade e o discurso da escrita são saberes que sustentam a formulação discursiva do texto da criança.



Por fim, compreendemos que a língua significa independente das convenções gramaticais que norteiam a sua prática. Compreendemos também que as variações ou rupturas não são aleatórias. A língua significa, e a gramática se arroga há um ponto que ela mesma não a reconhece e falha: a língua e sua ordem significante. Desconsiderar o funcionamento linguístico do sujeito, é apagá-lo enquanto sujeito de sua língua, eis uma revisão que se faz necessária.

5. Referências

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães. Et al. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

CALLOU, D. ; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

FARACO, C. A. **Escrita e alfabetização**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FARACO, C. A. **Português: um nome, muitas línguas** (Proposta pedagógica). Programa um Salto para o Futuro. Boletim 08, Ano XVIII, maio de 2008.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística II: Princípios de Análise**. São Paulo: Contexto, 2004.

GALLO, S. L. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

LUFT, C. P. **Língua e Liberdade: por uma nova concepção de língua materna: Ortografia- Questão de política cultural e educacional**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2009.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PAYER, M. O. Discurso, Memória e Oralidade. In: **Horizontes: Linguagem, Discurso e Práticas Educativas**. vol. 23, n.1 p. 47 – 56. Janeiro / Junho 2005. Editora Universitária São Francisco.

_____. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. São Paulo: Escuta, 2006.



Prefeitura Municipal de Pontes e Lacerda – **Processo Seletivo Simplificado** – Edital 001/2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. BALLY, C., SECHEHAYE, A. (Orgs.). CHELINI, A., et al. (Tradução). 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, F. M. da. Processos Fonológicos Segmentais na Língua Portuguesa. **Littera Online**. n. 04, 2011. Departamento de Letras. Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: <<http://bit.ly/revistalittera>>. Acesso em: 15 nov. 2016.